

Parto domiciliar: resignificação do doméstico e cronotopías da intimidade

Rosamaria Carneiro *

Resumo: Partindo da idéia de ‘cronotopías’ da intimidade de Leonor Arfuch (2005), pretendo discutir a existência de uma (re) significação do doméstico e da intimidade à luz do encontrado em minha etnografia de mulheres, adeptas do ideário do parto humanizado que experimentaram um ‘parto domiciliar’. Para tanto, trabalharei a conjunção ‘espaço-tempo-afetos’, própria da idéia de ‘cronotopía’, tomando de saída um doméstico que, ao que parece, recebera outra significação no e para o parto. Problematizarei, também e com o mesmo intuito, a ‘interconectividade’ entre privado e público e a noção de ‘intimidade pública’ da autora mencionada. Desse modo, trazer a cena esse outro doméstico, bem como sua conexão com a intimidade e com o público para pensarmos o enriquecimento das experiências de parto e possibilidade de (re)significação, serão, portanto, meus principais propósitos neste artigo. Para não perder o ensejo, sinalizarei a possibilidade de estas transformações apontarem também para a configuração de ‘novas subjetividades femininas’ na contemporaneidade.

Palavras-chave: parto domiciliar, intimidade e (re)significação.

Abstract: Going out of the Leonor Arfuch’s idea of ‘cronotopías de la intimidad’, I want to write about the other meanings of home, intimacy and birth considering my ethnography about women who had a humanized birth. I will do of the private and the public some problems and I will use concepts like public intimacy. I intend think about other possibilities for domestic, interiority and feminine nowadays.

Key words: home delivery, intimacy and new meanings

- Das cronotopías de la intimidad

Leonor Arfuch inicia seu artigo, de mesmo modo intitulado, dizendo-nos que a intimidade parece ser reconhecida e representada muito mais por aquilo que não é, por seu negativo, do que em e por si mesma. Se a princípio parece ser o espaço interior do indivíduo, o seu eu mais íntimo e verdadeiro, assim como o corpo e a casa que nos separariam dos demais, tem sido compreendida e desenhada a partir do que se entende por mundo público. Desde a modernidade, é a noção de público, então, que a tem significado. De acordo com Arfuch, é no século 18, com o surgimento do individualismo e do mundo burguês, que surge a idéia de mundo íntimo como esfera privada e como espaço da domesticidade.

* Doutoranda em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), bolsista FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Se, até então, a esfera privada parecia carregar um quê de privação da esfera pública e de perda de algo, tese depreendida de Hannah Arendt (1974) sobre o mundo grego, a partir desse momento teria passado a ser lida muito mais enquanto proteção ao assédio do mundo público, tido como hostil e competitivo. De acordo com Arfuch, Rousseau teria sido o primeiro a escrever uma autobiografia e a compartilhar desse entendimento de privado. Suas *Confissões* (1766) teriam trazido à cena a intimidade por meio da escrita. Se, antes, a verdade era procurada em Deus, a partir da modernidade teria passado a ser perseguida no próprio eu, surgindo, então, a percepção de que a verdade encontrar-se-ia no interior dos próprios homens. Percepção que, vale dizer, um século depois contribuiu, por exemplo, para o nascimento da psicanálise. Os sentimentos passaram a ser considerado lócus por excelência da verdade e do que existiria de mais real.

Porém, o interessante aqui é pensarmos, considerando Arfuch, que a intimidade só pôde ser assim conotada a partir do momento em que tornara-se pública, em que aparecera. Ou seja, o tido como íntimo, interioridade, verdade e acolhimento para assim sê-lo precisou tornar-se, antes de qualquer coisa, público. Precisou aflorar, aparecer, fazer-se escutar. Daí decorre a premissa da autora de que a interioridade depende, demanda e exige a exposição pública. Rousseau, por exemplo, para pôr a mostra os seus sentimentos ou sua interioridade, precisou de uma autobiografia, precisou publicá-los, socializá-los, escrevê-los e compartilhá-los. Pois, afinal de contas, segundo Arfuch, a vida que cada um abriga em seu interior, se não comunicada e compartilhada com outrem, nada mais seria do que um conjunto de sentimentos, percepções, vivências e lembranças. Para que tudo isso apareça como intimidade, para a autora, necessita-se da narrativa, do colocar em palavras. Dito de outra maneira, o privado dependeria do público para existir enquanto tal e, simultaneamente, dele depende para significar a proteção contra o mesmo, ou seja, sua oposição ou seu contraponto.

Hannah Arendt, conta-nos Arfuch, considerou que a ‘intimidade do coração, diferentemente da casa privada, não possui lugar tangível no mundo’ (1974:60). Em seu entender, essa interioridade dependeria da narrativa para ser conhecida e tornar-se tangível, para existir no mundo. Parece haver para a filósofa, portanto, um real imbricamento entre intimidade, narrativa, autobiografia e existência. E é nesse sentido que também a autora argentina parece posicionar-se.

Na modernidade a casa passa a ser considerada o território da intimidade, por excelência. Ela seria o espaço da família nuclear, do amor romântico, do amor materno, o ‘lar doce lar’ e o aconchego. Nela poder-se-ia ser quem se é. Se a casa passou a ser desse modo considerada, é nela e dela que nasce também a percepção de que a mulher a ela pertenceria,

enquanto os homens à cultura. Em outras palavras, casa, mito do amor materno, do amor romântico e idéia de um doméstico que tudo isso concentraria em detrimento de um público masculino e hostil, parecem aflorar nessa fase e de maneira concentrada e implicativa. É desse conjunto que parece ter nascido também a idéia de que as mulheres seriam frágeis, irracionais, apolíticas, sentimentais e, portanto, incapacitadas para outros espaços que não o doméstico.

As mulheres passam, então, a serem percebidas como as responsáveis pelo acolhimento dos homens perdidos na multidão e reféns do ambiente competitivo das fábricas, bem como pela contenção e nutrição das crianças. Vale notar, lançando mão de Phillippe Ariés, que é também por essa ocasião que as crianças teriam se tornado riqueza dos estados-nacionais e enquanto tais percebidas como frágeis e merecedoras de cuidados. Realidade antes inexistente, já que cresciam nos feudos e cuidadas de maneira compartilhada por amas, mães e servos, ou ainda, de certa maneira, abandonadas.

Para explicar-nos o aspecto relacional entre público e privado, Arfuch lança mão de George Simmel (2005:246) e de sua metáfora da porta. Segundo esse filósofo da vida, a porta tanto une quanto separa, conecta interior e exterior, funciona como um meio de comunicação, mas também de isolamento. Ela une espaços e concebe-os separadamente. Por esse motivo, para a autora, a porta põe em evidência tanto a continuidade física entre interior e exterior quanto conota sua mútua implicação existencial (2005:247). Poderíamos pensar, por meio dessa explicação, a porta enquanto o elo relacional antes mencionado, como a metalinguagem que explicita o imbricamento e a co-dependência entre intimidade e publicidade.

Isso porque Norbert Elias (1991, 2005:247), pai do processo civilizatório, teria afirmado, também segundo Arfuch, que nada de verdadeiramente privado existiria, em razão de nossa subjetividade somente poder existir em e por meio da intersubjetividade. Para o pensador alemão, somos atravessados pela cultura, pelo processo civilizador, em todos os momentos de nossas vidas. Inclusive, naquilo que entendemos como nosso verdadeiro eu. É daqui que a autora extrai a idéia de ‘intimidade pública’, de uma interioridade sempre e já perpassada pela cultura e pelo mundo público, posto que inexistiria isolada e inatamente.

A casa, entendida igualmente como casa natal, lugar de origem, lar, amparo, abrigo, refúgio e moradia, é considerada, a partir da modernidade, como o espaço emblemático da interioridade. É tida, segundo Arfuch (2005:251) como o ‘albergue das recordações’ e ‘moradia do ser’. Por isso, para ela, representa um ‘topo-análisis’ do que entendemos, ainda hoje, por intimidade. Porém, a casa parece ser, a um só tempo, de igual modo paradoxo e ambigüidade. Se nos resulta como abrigo, o sótão e o seu subterrâneo representam, em alguns casos, também medo e insegurança. De modo que, em si mesma, comportaria ambos os

aspetos, o medo e a segurança. Funcionaria como o útero materno, lugar de onde devemos e queremos sair, mas para o qual, segundo a psicanálise, passaríamos a vida tentando retornar. Parece operar, então, concomitantemente, como rito de passagem para a maturidade, mas também como o símbolo do seio e amor materno para os quais homens e mulheres gostariam de regressar (2005:254).

Así como lo público y lo privado no pueden pensarse ya como dominios autonômicos con incumbências – y sentimientos – específicos, sino más bien como espacios simbólicos mutuamente implicados, en constante interacción – e intersección – la intimidad – componente esencial de lo ‘privado’- parece alcanzar hoy un punto extremo de aquella aparición que Arendt señalara como paradójica. (2005:261)

Partindo dessas considerações, Arfuch (2005) desenvolve e passa a empregar a expressão ‘cronotopos’ para referir-se a uma relação peculiar que vigoraria entre espaço, tempo e investimento afetivo quando pensamos em intimidade. Neste ensaio, referir-me-ei a ela como ‘espaço-tempo-afetos’.

Em um ‘cronotopos’, o tempo se condensaria, o espaço se intensificaria e, ambos, se tornariam indissociáveis das emoções (2005:255). Por isso, poderíamos dizer que opera como ponto nodal de uma trama, como um drama social, que congrega presente e passado, colocando-os num mesmo espaço e a um só tempo, na medida em que se vê investido de uma carga valorativa singular. Em outras palavras, não comportaria rigidez e fixidez temporal, espacial e, conseqüentemente, do que seria a intimidade.

Essa impressão vai de encontro com a noção de ‘intimidade pública’ da mesma autora e parece assim se apresentar, a título de ilustração, nos ‘blogs’, ‘orkut’ e ‘facebook’ de nossos dias. Neles, os indivíduos tratam de sua intimidade, sonhos, sentimentos, experiências tidas como íntimas e expectativas transformando-as em temas públicos. Nos ‘blogs’ e nestes outros espaços virtuais, presente e passado parecem fundir-se, tempo e espaço recebem um investimento simbólico que os constitui enquanto intimidade, mas enquanto uma ‘intimidade pública’, tendo em vista a discussão travada poucas linhas atrás. Ou seja, haja vista inexistir uma interioridade isolada e incomunicável, dada de antemão, mas construir-se enquanto tal por meio do público e, mais notadamente, da intersubjetividade.

O ‘cronotopos’ implicaria, ainda, uma capacidade constante de (re)significação do que se entende por intimidade. Se, espaço e tempo são investidos de sentimentos, podem vir a ser constantemente revisitados e (re) configurados. Se pensarmos, por exemplo, na idéia atual que se tem de casa, muito embora persista a idéia de que representa aconchego, tem sido, por

outro lado, objeto de investimento econômico e orientada por uma percepção do mundo público. O que se entende como casa acolhedora, bela e funcional é muito mais difundido nos canais de televisão e em programas de decoração e de *feng shui*, para citar alguns, do que a partir daquele que nela reside. O ‘lar doce lar’ é hoje também construído discursivamente, seja pela mídia, demais meios de comunicação, mundo público, pela economia e, conseqüentemente, por meio da intersubjetividade, dos outros e de outrem. Ao mesmo tempo em continua a ser o espaço de proteção, acolhimento e intimidade, parece ser moldado a partir de seu exterior, do mercado e, por conseguinte, pela esfera pública.

Para Arfuch (2005:261), a persistência do desejo por uma ou pela casa, ‘lar doce lar’, pode representar o desejo de retorno a um tempo perdido, mas parece muito ser muito uma tentativa de resistência frente ao que denominou de ‘fragmentação contemporânea das experiências’. Em tempos de globalização, de mercado de trabalho e mão-de-obra mundializadas, de comunicação virtual, de tempos instantâneos, buscar-se-ia, então, não um retorno à modernidade e à sua idéia de intimidade, mas a retomada de um ‘eu’, das experiências de cada um e, em certo sentido, alguma fixidez, algo sólido em tempos, segundo Zigmunt Bauman, de tanta liquidez.

Os espaços parecem se configurar como públicos e privados em função da realidade internacional e do consumo propalado pelo mercado e economia capitalista. Havendo uma espécie de imprecisão de limites entre o que pode ser dito público ou privado. Os objetos, íntimos, mas também ligados ao consumo, hábitos e acontecimentos, parecem, nestes tempos, terem se tornado, para aqueles que a cada dia se encontram num lugar diferente, verdadeiros ‘cronotopos’. Esses não têm mais uma casa fixa e uma idéia de lar consolidada, vivem no mundo. Por isso, para Arfuch, a intimidade hoje pode ser percebida mais como nômade, do que como centrada num espaço físico, sendo muito mais pública do que qualquer outra coisa, modelada pelos próprios indivíduos, mas também, e talvez principalmente, imposta por inúmeros mecanismos discursivos que a modelariam.

Quando pensamos nesta modelação externa, rapidamente vem à mente os programas de televisão contemporâneos e uma espécie de ‘ditadura’ do que é ser saudável, a ginástica, o ioga, a meditação, entre outros, terminam como ‘técnicas de cuidado de si’ de sujeição. O sexo, o casamento e os relacionamentos amorosos, entre tantos outros temas, também se configuram como pauta destes programas. Vemo-nos diante, conforme Arfuch (2005:271), de verdadeiras ‘instrucciones de uso’ para viver bem e ser feliz. Há uma difusão de um ‘dever ser’ para ser feliz e estar bem, vê-se isso também em programas como ‘Big Brother’, em programas de auditório e em outros de tom confessional. O drama pessoal ou íntimo invade as

telas da contemporaneidade e parece atuar como modelo a ser seguido ou evitado, gerando uma verdadeira modelação das condutas sociais.

Porém, ainda assim, segundo Arfuch, muito embora a intimidade tenha sido assim construída e conotada na modernidade, pode hoje também ser pensada em outro sentido: como ‘motor de transformação da sociedade e inclusive do espaço público e político’ (2005:275). Para dar-nos exemplos de tal possibilidade, lembra-nos de Anthony Giddens (1995) e de sua idéia de ‘transformação da intimidade’. Pois, para o sociólogo, poder falar ‘mais abertamente’ a respeito de sexos e de intimidades na atualidade tem contribuído, sobremaneira, para que outras práticas sexuais possam ser conhecidas e reconhecidas socialmente, ampliando os ‘espaços-tempos-afetos’ de sexualidade.

Mas, para a autora argentina, a maior transgressão desse tipo estaria e decorreria do interior do pensamento e práticas feministas. Para ela, as feministas foram, e ainda são, as que mais indagaram e criticaram essa separação entre público e privado, foram as que mais questionaram a idéia de que a mulher pertence ao doméstico por natureza, enquanto o homem, de igual modo, pertenceria à cultura. Elas negaram o ‘efeito-mulher’ construído por um conjunto de práticas discursivas modernas. Procurando desnaturalizar essa concepção e desconstruir tais discursos, teriam desarticulado a noção de que a mulher está para a interioridade, considerada negativa, menor e débil se e quando comparada a cultura e ao mundo político. Teriam questionado, portanto, a própria construção do que se entende por doméstico e debatido arqueologicamente a configuração desse espaço enquanto portador das características antes mencionadas. Isso porque as feministas teriam até mesmo posto em debate a figuração do doméstico como espaço de pouca influência social e onde se concentraria somente a intimidade e a interioridade.

Para as feministas pós-estruturalistas, como Judith Butler e Joan Scott, segundo Arfuch (2005: 286-287), até mesmo os operadores de sexo-gênero contribuíram e ainda contribuem para a construção de uma interioridade feminina tida como inata, mas que para nada existe de antemão. Para ambas, a domesticidade, a fragilidade e a interioridade feminina decorreriam de e seriam, a um só tempo, práticas discursivas que procuram manter regra da heterossexualidade, orientada, no frigidar dos ovos, para a reprodução e manutenção de toda uma ordem social moderna. Por isso, na medida em que indagam construções discursivas como essas, contribuem para a reconfiguração do que se pode entender como doméstico e subjetividade feminina, posto que desnaturalizam e resignificam tecnologias de gênero ainda persistentes.

En esta lenta construcción de una nueva intimidad, que supone justamente la salida del espacio doméstico tradicional hacia una multiplicidad de otros espacios y formas de vida, la narración, y la autobiografía en particular, desempeñó – y desempeña – un papel esencial, tanto en el campo teórico, de la historia oral, de la historia de las mujeres, como en el artístico y literario (2005:279)

Narrativas de parto domiciliar: (re) significando o doméstico, a intimidade e o parir?

Se Arfuch mostrou-nos a importância da narrativa para pensar a construção moderna de intimidade, a partir de agora, seguirei suas pegadas para problematizar minha etnografia. Em minha tese de doutoramento analiso a perspectiva feminina do ideário do parto humanizado na contemporaneidade. Partindo de experiências femininas de um parto ‘mais natural’ procuro tecer hipóteses interpretativas acerca de algo que tem tomado proporção em nosso país: um parir diferentemente. Neste percurso, tive a oportunidade de conhecer um conjunto de mulheres que deram à luz em casa, que decidiram, para usar sua linguagem, por um parto domiciliar acompanhado de uma parteira urbana. Considerando suas narrativas, gostaria de neste ensaio apresentar algumas considerações acerca do que entendem por doméstico, como o significam, em detrimento de quê, que inovações parecem apresentar-nos e em que reincidiriam. Em outras palavras, ainda que de maneira breve, quero apontar para rupturas e permanências discursivas no que tange à noção moderna de intimidade e de subjetividade feminina a partir de narrativas de uma parturição domiciliar na atualidade.

Para começarmos é preciso dizer que, para a grande maioria delas, a casa representa o lugar mais seguro para parir. Uma vez em casa, entendem estarem protegidas do ‘efeito cascata’ de intervenções médicas que poderia resultar numa cesárea. Em geral, optaram por parir em casa para não passar por uma cesárea, porque entendem-na despropositada e descabida. O Brasil é o recordista mundial de partos cirúrgicos ao ano; atualmente contamos com uma taxa de 43% de partos abdominais anualmente. Por isso, para os críticos da obstetrícia brasileira, o parto parece ter sido normatizado, tem início com o enema (lavagem intestinal) e termina na cesariana. Essas mulheres, portanto, querem outros modos de parir que não mais o que parece ter se tornado quase regra para a obstetrícia brasileira. Querem um parto ‘mais natural’ na contramão do que a modernidade preconizou como inferior e mais arriscado e que a contemporaneidade parece querer perpetuar.

Por isso, dar à luz em casa parece ser, para elas, mais seguro. O lar representa o aconchego, a tranquilidade e a liberdade para poder parir como desejar. Se pensarmos até aqui, poderíamos dizer que nada parece ter mudado se compararmos com a modernidade. De igual modo, a casa continuaria representando a proteção da cultura, nesse caso da cultura

médica, tida por elas como hostil e agressiva. Essas mulheres poderiam ser interpretadas, então, enquanto oponentes da cultura, do saber médico, haja vista dele terem escapado. Porém, se, por esse lado, parecem reincidir no ideário moderno, por outro, parecem divergir do contemporâneo. Senão vejamos.

Se o Brasil conta com um alto índice de cesarianas é porque grande parte de suas mulheres aderem ao discurso médico. Para os médicos, o melhor local para parir é o hospital, posto que dotado de toda a tecnologia necessária para o atendimento, bem como de profissionais capacitados para qualquer eventualidade. Dessa maneira, esse grupo de mulheres em especial parece discordar do que hoje se entende como local mais seguro, nesse caso o hospital. Preferem parir em casa, conferindo a ela um caráter outro, que desde o advento da medicina moderna, teria sido remetido ao hospital e a ele considerado inerente: a segurança.

Se a prática do parto domiciliar parece retomar, de alguma maneira, os partos feitos em casa antes do surgimento da medicina moderna, deles parece também se diferenciar e se distanciar, na medida em que antes inexistia opção, as mulheres pariam em casa mediante parteiras porque não existia hospital. Porque era a única opção. Hoje contamos com hospitais próprios para o nascimento, mas essas mulheres decidiram e escolheram parir em casa por entenderem que lá teriam liberdade para gemer, gritar, suar, sangrar, dançar, tomar banho, comer e namorar, entre outras coisas. Porque teriam um outro tempo, que não o tempo-regulamentar do atendimento médico, porque teriam um espaço que lhe é familiar, conhecido e acolhedor e não o ambiente asséptico e iluminado dos hospitais contemporâneos. Porque poderiam parir onde quisessem e como quisessem e não em uma cama metálica com pés e mãos atadas.

Essa casa pode coincidir com a casa moderna no sentido antes referido, mas nela a mulher, na modernidade, considerada frágil, irracional, abnegada, orientada para o casamento e crianças, parece adquirir uma outra conotação. Para começar, é ela quem escolhe parir em casa. Nesta casa ela grita, geme, coordena o seu parto e, em algum sentido, resiste ao controle médico e a normatização de condutas porque assim desejou. Ela atua seu próprio drama, procura enriquecer sua experiência de parto porque assim desejou. Neste doméstico, ela parece encontrar a liberdade para experimentar o seu parto porque, antes, compreendeu que no hospital não aconteceria dessa maneira ou a seu gosto. É um doméstico refúgio, mas também espaço-tempo de ação, de acontecimento, de ‘linha de fuga’. Poderíamos aqui cogitar a hipótese de ser um doméstico criativo, tendo em vista a possibilidade de (re)significação que pode ocasionar. Poderíamos entendê-lo como um doméstico (re) significado de sentidos,

muito embora também perpetuador discurso em certas ocasiões. Uma intimidade paradoxal, ambígua, significada de fora, assim como mencionara Arfuch.

Poder-se-ia pensar que representa uma espécie de ‘cronotopia’ de parto e de domesticidade, na medida em que o espaço para parir e da casa passariam a ser outros, assim como o tempo e os afetos a ambos inerentes. Haveria nele um outro universo simbólico de parto, do que é parir. Porém, no que tange essa parte da pesquisa, confesso que necessitaria de outro artigo para desenvolvê-la, ora o espaço não me permite. Hoje quero deter-me a casa e ao parto, às outras figurações que essas mulheres parecem apresentar-nos dos mesmos, ainda que reincidam em discursos modernos em alguns momentos.

De maneira geral, esse doméstico parece não pertencer exclusivamente à mulher, como teria ocorrido na modernidade. Ele é muito mais composto pelo casal, homens e mulheres adeptos do parto humanizado parecem compartilhar das tarefas domésticas e da criação de seus filhos, procurando equilibrar *yin* e *yang*, segundo expressões de suas narrativas. Por isso, poderíamos aqui enxergar também uma diferença com relação à idéia de domesticidade moderna. Não são poucos, por exemplo, os pais que permanecem com as crianças em casa enquanto as mulheres se retiram para trabalhar. De igual modo, praticamente todas as narrativas ilustraram mulheres que não mais pertencem exclusivamente ao lar, mas sim que contam com uma vida profissional bastante ativa e procuram equilibrá-la na medida do possível com a maternidade.

No momento dos partos, os casais que decidiram por um parto domiciliar, geralmente se vêem acompanhados de amigos, amigas e da parteira. Se precipitadamente poder-se-ia cogitar um retorno à família nuclear, tenho percebido o contrário, a noção de família parece ter se dilatado, comportando hoje laços de amizade. Para que se possa ter uma idéia, o casal prefere não contar a família sanguínea da decisão de um outro parir, mas recorrer aos amigos, solicitando a presença dos mais queridos no momento da parturição. Estariam essas mulheres apresentando-nos também um outra concepção de família? Pode ser uma possibilidade.

Diante disso, poderíamos extrair alguma novidade no que tange à subjetividade feminina? Haveria aqui outras figurações das mulheres? E mais, outra figuração da relação mulher-mundo privado? Parece-nos que sim. Como já mencionado, as adeptas de um parto ‘mais natural’, mesmo reincidindo no discurso moderno de natureza em alguns momentos e em certo sentido, mesmo optando pela casa para parir, por entenderem-na mais segura, parecem ter reconfigurado esse mundo privado e a si mesmas.

Para elas, essa casa parece não ser mais o local da abnegação e dos cuidados, mas dos gemidos, dos gritos, da sexualidade e até mesmo da agressividade. Falamos aqui de mulheres

que querem tecer uma outra relação com seus corpos, que querem senti-lo dilatando, pulsando, que não querem a tecnologia e a segurança dos hospitais, que querem outras experiências de parto que não a quase regra. Que querem experimentar. Para isso, recorrem à casa, mas a ela não parecem estarem aprisionadas, são mulheres independentes, que trabalham, que ocupam postos importantes na sociedade e desejam um parir diferentemente. São mulheres que querem ter a liberdade para parir de outra maneira.

Há entre elas a dimensão da escolha. Elas optaram, divergindo da ciência masculina, por dar à luz em outro espaço, enfrentando o risco preconizado pelos médicos e perseguindo outros modos de parir que não o médico-hospitalar. Por essas questões é que essa casa me parece outra, ressignificada a partir do parto, de um outro parir, que termina, por sua vez, trazendo à tona a configuração de outras ‘subjetividades femininas’, que não mais a moderna. Fala-nos de subjetividade femininas que buscam a sexualidade, uma liberdade sexual, no que antes fora considerado local por excelência da contenção e da nutrição. Ele ainda parece sê-lo tudo isso, mas também um outro. E não somente isso. É ainda e também, como nos disse Arfuch, um doméstico em que a ‘intimidade é antes e mais nada pública’ e que aqui fez-se pública por meio das narrativas de suas experiências, entre outros tantos caminhos. Fazendo-se pública pode um dia, quem sabe, chegar a contribuir inclusive para a transformação da obstetrícia brasileira e reconstrução do mundo público.

Referências bibliográficas

- ARFUCH, Leonor. *Cronotopías de la intimidad*. In: ARFUCH, Leonor (compiladora). *Pensar este tiempo. Espacios, afectos, pertenencias*. Buenos Aires: Paidós, 2005. pp. 239-290
- RAGO, Margareth. “Cultura do Narcisismo, política e cuidado de si”. In: *Pesquisas sobre o corpo. Ciências Humanas e Educação*. São Paulo: Fapesp, 2006.
- . “Narcisismo, Sujeição e Estéticas da Existência”. In: *Verve*, Revista semestral Nu-Sol, Programa de Estudos de Pós-Graduação PUC-SP, 9, 2006.
- . “Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos”. In: LIMA, Claudia Costa. *Poéticas Políticas Feministas*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004.
- . “Feminizar é preciso, ou Por uma cultura filóloga”. São Paulo: *Revista do SEADE*, 2002.
- SOUZA, Heloisa Regina. *A arte de nascer em casa: Um olhar antropológico sobre a ética, a estética e a sociabilidade no parto domiciliar contemporâneo*. Dissertação (Mestrado). PPGAS-UFSC, Florianópolis, 2005.